

Germinal



N.º 18—ANO I
9 de Maio de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolução prévia.»— ELISEU RECLUS.

Publica-se nos domingos

DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL.—EDITOR, MARIO COSTA.

(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)

Avulso 1 ct. (10 rs.)—Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

Comp. e imp. nas OFFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca, 51, 3.º — LISBOA

Contra a oratoria

A propósito do que aqui dissemos na semana passada, sobre as conferencias no primeiro de maio, alguém nos pergunta se é melhor, nesse caso, nada se fazer.

É evidente que, *nessé caso*, o melhor é não se fazerem conferencias, visto que a utilidade que elas encerram é de tal modo insignificante, se porventura existe, que não compensa o tempo e o esforço empregados.

Ha bastante tempo que vimos falando contra a costumbreira dos discursos que de conferencias só tem o nome, em geral. Mas o habito está muito inveterado e difficilmente se hade perder, se se perder. Os portugueses adoram a eloquencia, a oratoria, e parece não conceberem que se possa aprender ou gosar de bons momentos sem que um *orador* entre em acção.

Nós supomos conhecer a causa desta predileção pela oratoria; mas não é para agora, nem talvez para aqui, expola.

Mas o que se deve dizer e repetir é que se torna preciso pôr um dique á torrente de conferencias, em que tem assentado a maior parte da propaganda e que por isso mesmo tão fracos resultados tem dado. A resistencia tem de vir dos conferentes que estejam convencidos de que se tem usado demasiadamente da oratoria, recusando falar, sempre que o que poderiam dizer, não seja dito em condições de ser convenientemente utilizado. É preciso que a conferencia deixa de ser o que, com poucas excepções, é actualmente entre nós: um puro recreio, ou uma maneira comoda que se encontrou de satisfazer, sem grande esforço, ou sem esforço nenhum, o desejo de

ver manifestado ou mesmo de manifestar os sentimentos de revolta, sobre tudo, produzidos pela injustiça politica e economica.

Uma obra util seria a de se fazer a propaganda contra a oratoria, procurando convencer o publico que em geral frequenta as conferencias de propaganda, que pouco ou—quantas vezes!—nada de util se obtem, havendo apenas uma perda de tempo para quem fala e para quem ouve, que melhor utilizado seria noutra coisa. Note-se que falamos contra as chamadas conferencias de propaganda.

O uso imoderado destas é que é o mal. O que ha portanto a corrigir é a imoderação e substituir a maior parte delas por palestras adequadas ao fim, bem determinado, de se aprender alguma coisa *que se deseja saber*. O que aconteceria se se entrasse, a serio, nesse caminho? Haver muito menos conferencias e parecer que se fazia menos propaganda pela ideia? Que importancia teria isso se realmente se fazia muita mais e muito melhor propaganda, porque se instrua e se educava? As conferencias teriam muito pouca gente... É muito provavel; mas que mal resultava disso?

Fazia-se menos barulho, aparecia-se e brilhava-se menos, é certo; mas trabalhava-se melhor e produzia-se mais.

Regimen de suborno

Assim apelida um amigo nosso a republica em que vivemos desde o esquecido feito rotundico. Bem ou mal?

Quem o quizer verificar, tome nota de que, a respeito do operariado, o dito se confirmará em breve, e com estrondo, na lista dos deputados governamentais. Pelo menos, assim no-lo anunciam.

Pedro Kropotkine

Segundo a *Bataille Syndicaliste*, o nosso camarada Kropotkine, sofreu em 25 de abril passado, uma segunda operação, que decorreu bem, tendo baixado a temperatura. Kropotkine encontra-se tão bem quanto é possível nas suas circunstancias, estando os medicos cheios de esperança nas suas melhoras. Na vespera da operação, tinha Kropotkine dado os ultimos topicos na sua obra *Lamarckismo e a hereditariedade*, na qual trabalhava ha cinco anos. Mais uma vez fazemos votos pelo completo restabelecimento do nosso illustre camarada.

Conformes

Um jornal publicou o outro dia a opinião do sr. Anselmo de Andrade, ministro do ultimo governo da monarchia, sobre a situação de Portugal ante a conflagração europea, e logo a imprensa da nossa social democracia a reproduziu com elogio e notando que ela perfeitamente se coaduna com a attitude que o partido socialista toma.

Em tempo de eleições

Na fala do partido democratico encontram-se estes dizeres:

«O partido proseguirá na aprovação de leis de protecção operaria, procurando desenvolver o espirito associativo, e, pela propria livre acção dos organismos operarios, tentará exercer influencia benefica na regularisação dos salarios.»

Os organismos operarios bem sabem de que lhes tem valido as leis de protecção existentes, para bem calcularem para que lhes servirão as futuras; e não esquecem que, na opinião de todo o democratico, ou a sua livre voz se exercera ao sabor das conveniencias do sr. Afonso Costa ou vai ali tudo raso. E porque bem sabem e não esquecem... dão-lhe os votos.

Joeirando

É muito bem elaborado, sob o ponto de vista da argumentação, o artigo de Malatesta, que foi publicado no ultimo numero da *Aurora*, com o titulo: *Fins e resultados da guerra*. No entanto ha certas restricções a fazer e que devem ser feitas para se irem aclarando, cada vez melhor, as diversas maneiras de ver sobre a questão da attitude dos anarquistas em face da guerra. Desta aclaração resultará o que varias vezes tenho dito e que Malatesta dizia tambem num artigo anterior: ha-de chegar uma occasião em que «nos veremos de novo unidos, no terreno de outros factos concretos». É que, continuo a crer que as divergencias são mais superficialles, mais secundarias, mais accidentaes do que pode fazer julgar a discussão travada entre camaradas animados igualmente do desejo de acertar, de bem servir a causa.

Creio que duma parte e outra ha razão, quando se prega contra os exageros cometidos; e não fossem estes, que intensificaram de forma escusada a discussão, não teria esta adquirido o character de scisão que por vezes tem assumido nestes mezes de guerra.

Ora é contra os exagerados que Malatesta tem razão no artigo a que me refiro. Mas nem todos exageram e é por isso que o artigo me merece alguns reparos, que são feitos, repito, para aclarar a questão.

Sobre os varios Estados beligerantes e não beligerantes, pela parte que me toca, não tenho illusões, já o tenho dito, julgando que é a ideia do direito e da liberdade dos povos, que os anima. Terei para com eles uma attitude hostile, sempre que se tornem factores de injustiças para com os outros povos. Mas exactamente porque sempre

estou com os injustamente agredidos, é que estou agora com os belgas e os franceses e aplaudo a resistencia e a lucta contra o invasor, porque o mesmo acontecia e acontece com os marroquinos contra francezes, os transalvianos contra os inglezes, os congolezes contra os belgas, os cubanos contra os espanhois, os povos africanos contra os portuguezes, etc. E' assim que, embora isto pareça estranho ou incoerente a certos logicos, sou ao mesmo tempo pelos francezes, que repelem os alemães e pelos marroquinos que repelem os francezes, como seria contra estes se nesta guerra tivessem sido os agressores.

Julgo os actos segundo as circunstancias em que são praticados; e é por isso que me parece errada a maneira de ver de Malatesta quando nos diz, depois de verberar o procedimento dos socialistas alemães, que «os socialistas francezes e belgas não souberam fazer coisa melhor do que imitar os alemães e solidarizar-se com os governos e com a burguezia dos seus países».

Esta assimilação de procedimentos é que me parece errada, pois as circunstancias em que uns e outros se encontravam eram totalmente diversas. Se o contrario se tivesse dado, se o governo francez tivesse sido o agressor, a attitude dos socialistas e outros revolucionarios de França, teria sido a que os alemães tiveram? Já o disse e repito: estou convencido de que não e creio que Malatesta tambem estará convencido do mesmo.

E é esta uma das razões porquê eu creio que os dois agrupamentos nacionaes, Alemanha e França, representam duas influencias diferentes para a liberdade dos outros povos, porque acredito, com Kropotkine, Bakunine e tantos outros, na effektividade e grandeza do «perigo alemão».

De maneira, que a questão para os que acreditam nesse perigo e acham legitima e necessaria a defeza contra elle, resume-se em saber qual dos dois inconvenientes é maior: se uma victoria das armas alemãs, se a participação com os Estados dos países invadidos na defeza contra a invasão.

Entendo que esta inconferencia ou como se lhe quiser chamar, em face da pureza dos principios, é de muito menor dano para o bem-estar geral dos povos e para o progresso das nossas ideias, do que uma victoria alemã. Desde que assim se pensa, assim cada um se deve manifestar, procedendo

conforme as circunstancias e as suas condições individuais.

Sobre a ilusão de que fala Malatesta — ilusão que não alimento mais do que elle — do futuro congresso da paz, direi noutro artigo o que penso.

Emilio Costa.

Desarranjo mental

Foi o «Imperialismo contemporaneo» o assunto versado pelo sr. Alfredo Pimenta, na Liga Naval, ha dias. Como da primeira conferencia, afirma-se imperialista dos quatro costados. Quer muito tradicionalismo politico, muito sentimento religioso, muito catolicismo disciplinador para nós, para os latinos, grande poder militar e, é claro, muita ordem.

E depois disto tudo, sae-se com esta, segundo o *Diario de Noticias*:

«Como republicano defende acerrinamente a estabilidade governamental, embora se veja nesse principio a aproximação da monarchia; mas a republica, a seu ver, será tanto mais perfeita quanto mais se aproximar da monarchia, sem nunca a atingir.»

Como se vê, a doença continua a fazer estragos tanto no conferente como nos ouvintes, que aplaudiam entusiasmados.

A recompensa

Refere C. Rupert (B. S. de 19-4-1913), que a attitude da social-democracia alemã, — o melhor esteio do governo imperial desde que este desencadeou a guerra, começa a desgostar até os amigos politicos mais fieis que esse partido adquirira nos países neutrais. A imprensa social-democrata suíça, italiana, hollandesa e scandinava mal ousa ainda desculpar essa attitude e numerosos são os artigos fazendo ressaltar que as recompensas que os social-democratas alemães tem até agora obtido com a sua conduta, são as melhores provas de que eles cometeram um erro tão estúpido como monstruoso. O governo alemão, convencido de que a social-democracia se comprometeu irreparavelmente ante o mundo, não perde ocasião de lhe fazer sentir todo o peso do seu desdem.

De modo que, feitas as contas, o partido da hegemonia socialista, com a sua traição dos primeiros dias de agosto do ano passado, alcançou o seguinte: violação de principios dos seus proprios congressos nacionaes; desaprovação dos seus melhores amigos na Europa; e desprezo do seu governo.

Não deverá acrescentar-se: profunda perturbação na vida das diversas escolas socialistas da Europa?

Dicionario subversivo

(Continuação do n.º 17)

E

ECONOMIA POLITICA — Na critica que lhe fez Proudhon, limita-se a um amontoado de observações empiricas, de factos mais ou menos bem relacionados, mas sem uma filosofia de conjunto.

ELEITOR — Materia suave e branda que se presta facilmente a todas as formas. (Juan Rico).

ESPECTRO VERMELHO — O conjunto das revoltas operarias.

ESPIRITO MILITAR — Costuma entender-se por estas palavras o espirito de guarnição, isto é, qualquer coisa como o espirito necessario para jogar o dominó ou a bisca; mas o verdadeiro espirito militar consiste em saber saquear, queimar, assassinar e ensinar aos outros que façam o mesmo. (Boucher de Perthes).

ESTADO — Para Bastiat é a grande facção por meio da qual toda a gente se esforça por viver à custa de toda a gente; para Deville não é mais do que a organização da classe exploradora para garantir a sua exploração e manter na submissão os seus explorados; para Friedeberg é a quintessência da dominação burguesa. Tres pessoas distintas e uma só verdadeira.

ESTADO DE SITIO — Expressão do medo burguez para tornar mais violentas as suas perseguições e atentados. Carta branca dada aos «senhores officiais».

ESTADO FINANCEIRO — Podão com que os cautos amigos procuram chapotar-nos a iniciativa.

ESTATISMO — Não representa somente a forma moderna do direito divino. Sintetisa uma dupla herança da autoridade dos deuses e da autoridade dos pais.

EXERCITO PERMANENTE — Instituição que tem por objecto umas vezes defender o solo nacional, outras manter a ordem, protegendo os ricos contra os pobres, e sempre assegurar à industria os mercados que lhe são necessarios.

(continua)

Nn.

De braço dado

No comicio do 1.º de maio, em Almada, onde fôra, dando-lhe o braço Sebastião Eugenio, fallou o desertor Carlos Rates, e, ao que parece, com agrado geral.

... E' que não consta haver sido corrido á batata, como acontece aos comediantes caídos no desgardo do publico.

Uma carta-protesto

A Associação de Classe dos Maritimos de Portimão enviou-nos copia de uma carta que em 28 de abril ultimo dirigiu á redacção de «O Jornal». Trata-se de um protesto contra o que «O Jornal» de 27 publicou ácerca daquela classe, ou de casos a ela referentes.

Congresso de Ferrol

Tinhamos um grande e legitimo desejo de dar aos nossos leitores uma noticia, o mais desenvolvida possivel, do que se passou no Ferrol, a preposito do anunciado congresso pela paz.

Esforçamo-nos por obter as devidas informações, mas infelizmente a nossa modesta obra de reportagem não obteve o exito que desejavamos e julgavamos facil de obter.

Não conseguimos saber senão o que os jornaes diários a toda a gente disseram em telegramas e outras noticias, devendo por isso limitar-nos a enviar o leitor para as noticias desses jornaes ou a dizer-lhe que procure jornaes de propaganda que porventura tenham sido mais afortunados, a esse respeito, do que o *Germinal*.

Deste facto só se pode concluir que os nossos serviços de reportagem estão imperfeitamente montados, devido isso, sem duvida, aos nossos fracos recursos senão a nossa pouca habilidade de reporter.

Nós faremos o que recomendamos ao leitor: iremos ler o que outros jornaes publicarem. Depois faremos a apreciação que os factos nos sugerirem, pois que para isso não carecemos, felizmente, do auxilio de ninguem.

Participação na guerra

No seu manifesto eleitoral dizem os democraticos ao país:

«O partido considera como um dever inadiavel, imposto pelo prestigio e dignidade da nação e do exercito, a entrada numa activa campanha alem das fronteiras de Angola e Moçambique, fazendo em cooperação com a Inglaterra uma guerra offensiva».

Isto quer dizer que a gente afonsina já se encontra de acordo com a unionista; resta ver se a nação se encontra de acordo com uma e outra para a tal guerra offensiva. A concorrência ás urnas em beneficio do sr. Camacho ou do sr. Afonso o dirá.

Socialistas e catholicos

Ao que consta, os catholicos portuguezes estão resolvidos a aplaudir o organismo politico que favorecer as suas aspirações e a aliar-se com elle. A proposito escreve um dos seus orgãos:

«E' esse organismo a Internacional Operaria? Seremos aliados, nesse ponto, dos socialistas.»

O quê! é de admitir que o partido socialista possa favorecer as aspirações catholicas? Parece que sim. Lá diz o mesmo orgão:

«Não esquecemos que foram os votos dos socialistas que na Alemanha fizeram rasgar muito recentemente a lei que proibia aos jesuitas estabelecerem-se no imperio.»

Todo o homem devia trazer escrito na frente o que pensa das coisas publicas.

Cicero.